

Reunião nº 1 – Ano Litúrgico 2021/2022

Plano de Reunião – Formação de Leitores

18.11.2021

Ambão/mesa da palavra

A palavra latina ambo vem do grego, anabaino (subir), e designava um lugar elevado, a tribuna, com varanda e atril, próxima da nave, donde se proclamava a Palavra ao povo. A evolução para dois ambões e para o púlpito foi posterior.

Em algumas igrejas orientais, sobretudo sírias, este lugar elevado situa-se sobretudo no meio da nave, e chama-se bema.

Na actual reforma, potenciou-se de novo a importância da Palavra de Deus e a sua proclamação na assembleia. Por isso, o ambão volta a ser considerado como um dos três pólos simbólicos e de atenção na celebração, junto com o altar e a sede do presidente. «A dignidade da Palavra de Deus requer que haja na igreja um lugar adequado para a sua proclamação e para o qual, durante a liturgia da Palavra, convirja espontaneamente a atenção dos fiéis. Em princípio, este lugar deve ser um ambão estável e não uma simples estante móvel» (IGMR 309). Todavia, a introdução ao Leccionário especifica mais este respeito e sentido simbólico: **«um lugar elevado, fixo, dotado de conveniente disposição e nobreza, que corresponda à dignidade da Palavra de Deus e, ao mesmo tempo, recorde com clareza aos fiéis que, na Missa, se prepara tanto a mesa da Palavra de Deus como a mesa do Corpo de Cristo»** (OLM 32).

O Missal especifica que **o ambão está «reservado» à proclamação da Palavra, e desaconselha que, a partir dele, se profiram outras palavras. Para as admonições, ensaios e direcção dos cânticos, para os avisos e, se possível, também, para as orações dos fiéis e até para a homília, seria melhor que se encontrasse outro lugar menos destacado do que para a Palavra. No caso da homília, o lugar que se recomenda é a sede do presidente**, como repete a OLM e surge mais claramente no Cerimonial dos Bispos (n. 51).

Altar/mesa do pão partido e repartido por todos

O altar é o centro do espaço celebrativo, seu princípio de unidade e ponto de referência mais imediato. O seu primeiro sentido foi o sacrifício: a ara onde se sacrificavam as vítimas à divindade. Por isso, a etimologia do nome latino altare parece que vem de adolere, arere (arder: o lugar onde pelo fogo se queima a vítima do sacrifício). Também poderia provir de altus (alto), porque os altos (sobretudo as colinas e montes) sempre se consideraram lugar de encontro dos humanos com a divindade.

No AT, erigem-se altares para oferecer culto a Deus. Assim se lê, no livro do Génesis, de Noé (cf. 8,20), Abraão (cf. 12,7; 13,18), de Isaac (cf. 26,25), etc. É particularmente expressiva a cena de Ex 24, quando Moisés levanta um altar e sobre ele realiza o rito da aspersão com sangue de animais, selando a Aliança entre Deus e o seu povo. No Templo de Jerusalém, o altar era o espaço principal de todo o seu culto: o altar dos perfumes e o altar dos holocaustos. Os sacerdotes eram chamados «ministros do altar».

No NT, continua a referência, tanto quanto se designa o altar normal (cf. Mt 5,23: quando fores oferecer ao altar...) como quando já se refere ao próprio Cristo. Nós, os cristãos, temos um culto, um sacrifício e um altar próprios, centrados em Jesus Cristo (cf. Heb 13,10): Ele é para nós ao mesmo tempo sacerdote, vítima e altar. No Apocalipse fala-se também do altar que está entre o trono de Deus, onde se oferecem os perfumes e sacrifícios dos justos (cf. Ap 6,9; 8,3).

Para os cristãos, o altar tem, antes de mais, uma conotação sacrificial: «o altar da Nova Aliança é a Cruz do Senhor (cf. Heb 13,10), donde dimanam os sacramentos do Mistério Pascal. Sobre o altar, que é o centro da Igreja, é tornado presente o sacrifício da Cruz sob os sinais sacramentais» (CIC 1182). Mas predomina o sentido de refeição eucarística: «o altar [...] é também a mesa do Senhor, na qual o povo de Deus é chamado a participar quando é convocado para a Missa » (IGMR 296). Junto ao carácter de «ara», acentua-se o de «mesa» (cf. 1Cor 10,21-22, onde se contrapõe a «mesa do Senhor» e a «mesa dos demónios»),

porque o sacrifício único da Cruz (do «altar da Cruz») torna-se agora sacramentalmente presente, no seu memorial comunitário, em forma de refeição eucarística. Por isso, especifica-se: «o altar ou mesa do Senhor, que é o centro de toda a liturgia eucarística» (IGMR 73). «O altar, à volta do qual a Igreja se reúne na celebração da Eucaristia, representa os dois aspectos de um mesmo mistério: o altar do sacrifício e a mesa do Senhor, e isto, tanto mais que o altar cristão é o símbolo do próprio Cristo, presente no meio da assembleia de seus fiéis, ao mesmo tempo como vítima oferecida para a nossa reconciliação e como alimento celeste que se nos dá» (CIC 1383). Por isso, o altar é único, como símbolo de Cristo, nosso único sacerdote e vítima. **Ao princípio, esta mesa era de madeira: um trípode para os dons eucarísticos. Mas mais tarde, preferiu-se que fosse de pedra. Nesta opção parece ressaltar a linguagem simbólica de Cristo, como rocha viva (cf. 1Cor 10,4) ou como pedra angular (cf. as citações do Salmo 118[117],22, e, no NT, por exemplo, 1Pe 2,4.7s).** Agora, recomenda-se que seja de pedra, mas admite-se outra matéria digna e sólida (cf. IGMR 301).

A partir do século IV, foi-se relacionando o altar eucarístico com o sepulcro dos mártires, ou, pelo menos com as suas relíquias. Agora, estas relíquias, não obrigatórias, devem colocar-se em todo o caso sob o altar, não sobre ele ou dentro dele (cf. CB 866c).

Nos primeiros séculos, o altar era independente. Na Idade Média, encostou-se à parede ou ábside do fundo, e agora de novo se pede que esteja separado da parede, para poder celebrar de frente para a comunidade e rodear processionalmente o altar (cf. IGMR 299).

O altar chama-se «fixo», quando está unido ao pavimento, sem dele se poder mover, e «móvel», em caso contrário. Prefere-se que o altar principal seja fixo e consagrado (cf. IGMR 298), enquanto um altar móvel pode ser só «benzido» (cf. IGMR 300). Os altares «dedicam-se», segundo o Ritual da Dedicção da Igreja e do Altar, em cujos textos se exprime o simbolismo e a finalidade celebrativa do altar. O altar só se dedica a Deus e não aos Santos, como a Eucaristia só se oferece a Deus (cf. CB 921).

ANO C – O ano do Evangelista LUCAS



XXXIV DTC – Nosso Senhor Jesus Cristo, Rei do Universo – 21.11.2021

LEITURA I – Dan 7,13-14 – **um texto apocalítico**

Já vimos, no domingo anterior, que o Livro de Daniel aparece na primeira metade do século II a.C., numa época em que o rei selêucida Antíoco IV Epífanes procurava impor, pela força, a cultura grega ao **Povo de Deus**. As imposições de Antíoco IV Epífanes foram, contudo, mal acolhidas e depararam com uma tenaz resistência, sobretudo por parte dos sectores mais tradicionais do judaísmo. **Uns judeus optaram abertamente pela insurreição armada (como foi o caso de Judas Macabeu e dos seus heroicos**

seguidores); outros, contudo, optaram por fazer frente à prepotência dos reis helénicos com a sua palavra e os seus escritos.

O Livro de Daniel surge neste contexto. O seu autor é um judeu fiel à cultura e aos valores religiosos dos seus antepassados, interessado em defender a sua religião, apostado em mostrar aos seus concidadãos que a fidelidade aos valores tradicionais seria recompensada por Jahwéh com a vitória sobre os inimigos. Contando a história de um tal Daniel, um judeu exilado na Babilónia, que soube manter a sua fé num ambiente adverso de perseguição, o autor do Livro de Daniel pede aos seus concidadãos que não se deixem vencer pela perseguição e que se mantenham fiéis à religião e aos valores dos seus pais. Neste Livro, o autor garante-lhes que Deus está do lado do seu Povo e que recompensará a sua fidelidade à Lei e aos mandamentos.

O texto que é proposto integra a 2ª parte do Livro de Daniel(Dan7,1-12,13). Aí o autor, recorrendo à "figura" da "visão", apresenta-nos uma leitura profética da história, cuja finalidade é transmitir a esperança aos crentes perseguidos por causa da sua fé e dos seus valores tradicionais.

Na primeira das "visões" propostas (Dan 7,1-28), o autor do Livro apresenta "quatro grandes animais" (o primeiro "era semelhante a um leão"; o segundo era "semelhante a um urso"; o terceiro era "parecido com uma pantera"; o quarto era "horroroso, aterrador e de uma força excepcional" e "tinha dez chifres", embora lhe tivesse depois nascido um outro "chifre mais pequeno" que "tinha olhos como homem e uma boca que proferia palavras arrogantes" - Dan 7,4-8). Esses "quatro animais" evocam a sucessão dos impérios humanos... O primeiro seria o império neo-babilónico, o segundo representaria o império dos medos, o terceiro referir-se-ia ao império persa e o quarto seria o império grego de Alexandre, do qual os reis selêucidas eram os herdeiros diretos. Os "dez chifres" desse quarto animal referem-se a uma série de dez reis que se sucederam uns aos outros; e o décimo primeiro chifre, mais pequeno do que os outros, seria, seguramente, Antíoco IV Epífanes, o rei perseguidor do Povo de Deus.

Em paralelo com o quadro histórico destes impérios - todos eles conotados com o mal,com o imperialismo, com a opressão, com a perseguição ao Povo de Deus - o autor coloca, numa outra cena, "um ancião" com os cabelos e as vestes brancos "como a neve; sentado num trono feito de chamas e servido "por milhares e dezenas de milhares", esse "ancião" decretou a morte do décimo primeiro "chifre", bem como o fim do poderio dos "quatro animais" (Dan 7,9-12). É precisamente aqui que começa a cena descrita pelo texto da nossa primeira leitura: a entronização do "Filho do Homem" (Dan 7,13-14).in *Dehonianos*

Depois de estar garantida a atenção da assembleia, lê-se o título do texto	Leitura da Profecia de Daniel///
Ler o <i>itálico</i> em tom diferente. Valorizar o negrito .	Contemplava eu as visões da noite, / quando, <i>sobre as nuvens do céu,</i> veio alguém semelhante a um filho do homem.///
Valorizar o negrito , lido de devagar.	Dirigiu-Se para o Ancião venerável e conduziram-no à sua presença.// Foi-lhe entregue o poder, a honra e a realeza, / e todos os povos e nações O serviram.// O seu poder é eterno, / não passará jamais, / e o seu reino não será destruído.///
Com tom solene e aclamativo, olhando a assembleia, convidando-a a responder.	Palavra do Senhor

XXXIV DTC – Nosso Senhor Jesus Cristo, Rei do Universo – 21.11.2021

LEITURA II – Ap 1,5-8 – **Outro texto apocalítico**

"Apocalipse" significa "manifestação de algo que está oculto". O nosso "Livro do Apocalipse" - do qual é retirado o trecho da nossa segunda leitura - é um livro que se apresenta como uma "revelação" sobre "as coisas que brevemente devem acontecer" (Ap 1,1) e que um tal João, exilado na ilha de Patmos (uma pequena ilha do Mar Egeu) por causa da sua fé, tem por missão comunicar aos seus irmãos na fé.

Estamos na fase final do reinado do imperador Domiciano (à volta do ano 95). As comunidades cristãs da Ásia Menor vivem numa grave crise interna, resultante das heresias, da falta de entusiasmo, da tibieza, da indiferença, do medo de dar testemunha da própria fé. Por outro lado, há também uma crise que resulta de causas externas, sobretudo da violenta perseguição que o imperador ordenou contra os cristãos: muitos seguidores de Jesus eram condenados e assassinados e outros, cheios de medo, abandonavam o Evangelho e passavam para o lado do império. Na comunidade dizia-se: "Jesus é o Senhor"; mas lá fora, quem mandava mesmo, como senhor todo-poderoso, era o imperador de Roma.

É neste contexto de crise, de perseguição, de medo e de martírio que vai ser escrito o Apocalipse. O objetivo do autor é levar os crentes a revitalizarem o seu compromisso com Jesus e a não perderem a esperança. Nesse sentido, o autor do livro começa por fazer um convite à conversão (primeira parte - Ap 1-3); passa, depois, a apresentar uma leitura profética da história humana, que dá conta da vitória final de Deus e dos seus fiéis sobre as forças do mal (segunda parte - Ap 4-22). Estes conteúdos são apresentados com o recurso sistemático ao símbolo (como é típico da literatura apocalíptica), o que torna este livro estranho e difícil, mas, ao mesmo tempo, muito belo e interpelante.

O texto da segunda leitura de hoje apresenta-nos alguns dos primeiros versículos do Livro do Apocalipse. Trata-se de uma espécie de introdução litúrgica, onde se apresenta o diálogo litúrgico entre um leitor e a comunidade cristã reunida para escutar uma proclamação. Neste diálogo, a comunidade é convidada a aceitar Cristo como o centro da história humana, a razão de ser da comunidade, a coordenada fundamental à volta da qual se estrutura e organiza toda a vida cristã. *in Dehonianos*.

Depois de estar garantida a atenção da assembleia, lê-se o título do texto	Leitura do Apocalipse///
Valorizar o negrito , lendo cada título (Testemunha fiel, Primogénito dos mortos, Príncipe dos reis da terra), devagar!	Jesus Cristo é a Testemunha fiel, / o Primogénito dos mortos, / o Príncipe dos reis da terra. //
Valorizar cada frase.	<i>Àquele que nos ama / e pelo seu sangue nos libertou do pecado / e fez de nós um reino de sacerdotes para Deus seu Pai, / a Ele a glória e o poder pelos séculos dos séculos. <u>Ámen.</u> //</i>
No <u>sublinhado</u> , ler tudo seguido, para que as pessoas <u>não respondam</u> <i>Ámen</i> .	Ei-l'O que vem entre as nuvens, / e todos os olhos O verão, / mesmo aqueles que O trespassaram; // e por sua causa hão de lamentar-se todas as tribos da terra. Sim. <i>Ámen.</i> ///
Enfatizar o <i>itálico</i> , lido em tom ligeiramente solene.	« <i>Eu sou o Alfa e o Ómega</i> », diz o Senhor Deus, / « <i>Aquele que é, que era e que há de vir, o Senhor do Universo</i> ».///
Com tom solene e aclamativo, olhando a assembleia, convidando-a a responder.	Palavra do Senhor

Advento (wikipedia)

Origem

A primeira referência ao "Tempo do Advento" é encontrada na Península Ibérica, quando no ano 380, o Sínodo de Saragoça prescreveu uma preparação de três semanas para a Epifania, data em que, antigamente, também se celebrava o Natal. Na Gália, Perpétuo, bispo de Tours, instituiu setenta semanas de preparação para o Natal e, em Roma, o Sacramentário Gelasiano cita o *Advento* no fim do século V.

Há relatos de que o Advento começou a ser observado entre os séculos IV e VII em vários lugares do mundo, como preparação para a festa do Natal.

No final do século IV, na Gália (atual França) e na Península Ibérica (atualmente Portugal e Espanha), tinha caráter ascético com jejum, abstinência e duração de 6 semanas como na Quaresma (quaresma de S. Martinho). Este caráter ascético para a preparação do Natal se devia à preparação dos catecúmenos para o batismo na festa da Epifania.

O tempo do advento e suas características

O tempo do Advento é para toda a Igreja, momento de forte mergulho na liturgia e na mística cristã. É tempo de espera e esperança, de estarmos atentos e vigilantes, preparando-nos alegremente para a vinda do Senhor, como uma noiva que se enfeita, se prepara para a chegada de seu noivo, seu amado.

O Advento começa exatamente quatro domingos antes do Natal e vai até as primeiras vésperas do Natal de Jesus.

Esse tempo possui duas características: Nas duas primeiras semanas, a nossa expectativa se volta para a segunda vinda definitiva e gloriosa de Jesus Cristo, Salvador e Senhor da história, no final dos tempos. As duas últimas semanas, dos dias 17 a 24 de Dezembro, visam em especial, a preparação para a celebração do Natal, a primeira vinda de Jesus entre nós. Por isto, o Tempo do Advento é um tempo de piedosa e alegre expectativa. Uma das expressões desta alegria é o canto das chamadas "*Antífonas do Ó*".

Teologia do advento

O Advento recorda a dimensão histórica da salvação, evidencia a dimensão escatológica do mistério cristão e nos insere no caráter missionário da vinda de Cristo.

Ao serem aprofundados os textos litúrgicos desse tempo, constata-se na história da humanidade o mistério da vinda do Senhor, Jesus, que de fato se encarna e se torna presença salvífica na história, confirmando a promessa e a aliança feita ao povo de Israel. Deus que, ao se fazer carne, plenifica o tempo (Gl 4,4) e torna próximo o Reino (Mc 1,15).

O Advento recorda também o Deus da Revelação. Aquele que é, que era e que vem (Ap 1, 4-8), que está sempre realizando a salvação mas cuja consumação se cumprirá no "dia do Senhor", no final dos tempos.

O caráter missionário do Advento manifesta-se na Igreja pelo anúncio do Reino e a sua acolhida pelo coração do homem até a manifestação gloriosa de Cristo. As figuras de João Batista e Maria são exemplos concretos da vida missionária de cada cristão, quer preparando o caminho do Senhor, quer levando o Cristo ao irmão para o santificar. Não se pode esquecer que toda a humanidade e a criação vivem em clima de advento, de ansiosa espera da manifestação cada vez mais visível do Reino de Deus..

Espiritualidade do advento

O tempo do Advento é tempo de esperança porque Cristo é a nossa esperança (I Tm 1, 1); esperança na renovação de todas as coisas, na libertação das nossas misérias, pecados, fraquezas, na vida eterna, esperança que nos forma na paciência diante das dificuldades e tribulações da vida, diante das perseguições, etc.

O Advento também é tempo propício à conversão. Sem um retorno de todo o ser a Cristo, não há como viver a alegria e a esperança na expectativa da Sua vinda. É necessário que "preparemos o caminho do Senhor" nas nossas próprias vidas, lutando incessantemente contra o pecado (desvio do projeto criador) através de uma maior disposição para a oração e mergulho na Palavra.

No Advento, precisamos nos questionar e aprofundar a vivência da pobreza. Não pobreza econômica, mas principalmente aquela que leva a confiar, se abandonar e depender inteiramente de Deus e não dos bens terrenos. Pobreza que tem n'Ele a única riqueza, a única esperança e que conduz à verdadeira humildade, mansidão e posse do Reino.

As figuras do advento

Isaías

Isaías é o profeta que, durante os tempos difíceis do exílio do povo eleito, levava a consolação e a esperança. Na segunda parte do seu livro, dos capítulos 40 - 55 (Livro da Consolação), anuncia a libertação, fala de um novo e glorioso êxodo e da criação de uma nova Jerusalém, reanimando assim os exilados.

As principais passagens deste livro são proclamadas durante o tempo do Advento num anúncio perene de esperança para os homens de todos os tempos. Ele que no capítulo 7 do seu livro já anuncia a vinda do Senhor

João Batista

É o último dos profetas e segundo o próprio Jesus, "mais que um profeta", "o maior entre os que nasceram de mulher", o mensageiro que veio diante d'Ele a fim de lhe preparar o caminho, anunciando a sua vinda (Lc 7, 26 - 28), pregando aos povos a conversão, pelo conhecimento da salvação e perdão dos pecados (Lc 1, 76s).

A figura de João Batista ao ser o precursor do Senhor e aponta como presença já estabelecida no meio do povo, encarna todo o espírito do Advento. Por isso ele ocupa um grande espaço na liturgia desse tempo, em especial no segundo e no terceiro domingo.

João Batista é o modelo dos que são consagrados a Deus e que, no mundo de hoje, são chamados a também ser profetas e profetisas do reino, vozes no deserto e caminho que sinaliza para o Senhor, permitindo, na própria vida, o crescimento de Jesus e a diminuição de si mesmo, levando, por sua vez os homens a despertar do torpor do pecado.

São José

Nos textos bíblicos do Advento, se destaca São José, esposo da Virgem Maria, como o homem justo e humilde que aceita a missão de ser o pai adotivo de Jesus. Ao ser da descendência de Davi e pai legal de Jesus, José tem um lugar especial na encarnação, permitindo que se cumpra em Jesus o título messiânico de "Filho de Davi"..

A celebração do advento

O Advento deve ser celebrado com sobriedade e com discreta alegria. Não se canta o Glória, para que na festa do Natal, nos unamos aos anjos e entoemos este hino como algo novo, dando glória a Deus pela salvação que realiza no meio de nós. Pelo mesmo motivo, o diretório litúrgico orienta que flores e instrumentos sejam usados com moderação, para que não seja antecipada a plena alegria do Natal de Jesus.

Os paramentos litúrgicos (casula, estola, dalmática, pluvial, cíngulo, etc) são de cor roxa, bem como o véu que recobre o ambão, a bolsa do corporal e o véu do cálice; como sinal de recolhimento e conversão em preparação para a festa do Natal. A única exceção é o terceiro domingo do Advento, Domingo **Gaudete** ou da Alegria, cuja cor tradicionalmente usada é a rósea, em substituição ao roxo, para revelar a alegria da vinda do Salvador que está bem próxima. Também os altares são ornados com rosas cor-de-rosa. O nome de **Domingo Gaudete** refere-se à primeira palavra do intróito deste dia, que é tirado da segunda leitura que diz: "Alegrai-vos sempre no Senhor. Repito, alegrai-vos, pois o Senhor está perto"(Fl 4, 4). Também é chamado "Domingo mediano", por marcar a metade do *Tempo do Advento*, tendo analogia com o quarto domingo do *Tempo da Quaresma*, chamado **Laetare**.

Símbolos do Advento

A coroa de advento

A forma circular

O círculo não tem princípio, nem fim. É sinal do amor de Deus que é eterno, sem princípio e nem fim, e também do nosso amor a Deus e ao próximo que nunca deve terminar. Além disso, o círculo dá uma ideia de “elo”, de união entre Deus e as pessoas, como uma grande “Aliança”.

As ramas verdes

Verde é a cor da esperança e da vida. Deus quer que esperemos a sua graça, o seu perdão misericordioso e a glória da vida eterna no final de nossa vida. Bênçãos que nos foram derramadas pelo Senhor Jesus, em sua primeira vinda entre nós, e que agora, com esperança renovada, aguardamos a sua consumação, na sua segunda e definitiva volta. O ramos dos pinheiros permanecem verdes apesar dos rigorosos invernos, assim como os cristãos devem manter fé e a esperança apesar das tribulações da vida.

A fita vermelha

A fita e o laço vermelho que envolvem a grinalda simbolizam o Amor de Deus ou o próprio Espírito Santo a embalar toda criação que é remida com a chegada de Jesus.

As bolas

As bolas simbolizam os frutos do Espírito Santo que brotam no coração de cada cristão.

As quatro velas

As quatro velas da coroa simbolizam, cada uma delas, uma das quatro semanas do Advento^[5]. No início, vemos nossa coroa sem luz e sem brilho. Nos recorda a experiência de escuridão do pecado. A medida em que se vai aproximando o Natal, vamos ao passo das semanas do Advento, acendendo uma a uma as quatro velas representando assim a chegada, em meio de nós, do Senhor Jesus, luz do mundo, quem dissipa toda escuridão, trazendo aos nossos corações a reconciliação tão esperada. A primeira vela lembra o perdão concedido a Adão e Eva. A segunda simboliza a fé de Abraão e dos outros Patriarcas, a quem foi anunciada a Terra Prometida. A terceira lembra a alegria do rei Davi que recebeu de Deus a promessa de uma aliança eterna. A quarta recorda os Profetas que anunciaram a chegada do Salvador. O mais adequado é que todas as velas da coroa do Advento sejam roxas, com exceção de uma que pode ser rosa para lembrar o Domingo Gaudete.

I Domingo do Advento – Ano C – 28.11.2021

LEITURA I – Jer 33,14-16

Estamos no ano décimo do reinado de Sedecias (587 a.C.). O exército babilônio de Nabucodonosor cerca Jerusalém e Jeremias está detido no cárcere do palácio real, acusado de derrotismo e de traição (cf. Jer 32,1). Parece o princípio do fim, a derrocada de todas as esperanças e seguranças do Povo. É neste contexto que o profeta, em nome de Jahwéh, vai proclamar a chegada de um tempo novo, no qual Deus vai “pensar as feridas” do seu povo e curá-las, proporcionar a Judá “abundância de paz e segurança” (Jer 33,6). A mensagem é tanto mais surpreendente quanto o futuro imediato parece sem saída e o próprio Jeremias é acusado de profetizar a inutilidade de resistir aos exércitos caldeus, a destruição de Jerusalém e o exílio de Sedecias (cf. Jer 32,3-5).

Depois de estar garantida a atenção da assembleia, lê-se o título do texto	Leitura do Livro de Jeremias ///
Começar a leitura sem pressas.	
No <i>itálico</i> , ler devagar e fazer bem a pausa, que introduz o discurso.	<i>Eis o que diz o Senhor: //</i>
Ler o <u>sublinhado</u> de modo enfatizado!	«Dias virão, em que cumprirei a promessa / que fiz à casa de Israel e à casa de Judá: //
Ler bem o negrito , de modo que sobressaia um pouco.	<u>Naqueles dias, naquele tempo, /</u> farei germinar para David um rebento de justiça /
Ler o <u>sublinhado</u> em tom diferente.	que exercerá o direito e a justiça na terra. //
Ler o negrito em tom esperançoso, confiante.	<u>Naqueles dias, o reino de Judá será salvo /</u> e Jerusalém viverá em segurança. //
Com tom solene e aclamativo, olhando a assembleia, convidando-a a responder.	Este é o nome que chamarão à cidade: / ‘O Senhor é a nossa justiça’ ». ///
	Palavra do Senhor

I Domingo do Advento – Ano C – 28.11.2021

LEITURA II – 1 Tes 3,12–4,2

A comunidade cristã de Tessalónica foi fundada por Paulo, Silvano e Timóteo durante a segunda viagem missionária de Paulo, aí pelo ano 50 (cf. Act 17,1ss). Durante o pouco tempo que lá passou, Paulo desenvolveu uma intensa actividade missionária, de que resultou uma comunidade numerosa e entusiasta, constituída na sua maioria por pagãos convertidos (cf. 1 Tess 1,9-10). **No entanto, a obra de Paulo foi brutalmente interrompida pela reacção da colónia judaica... Paulo teve de fugir, deixando atrás de si uma comunidade em perigo, insuficientemente catequizada e quase desarmada num contexto de perseguição e provação. Preocupado, Paulo envia Timóteo a Tessalónica para saber notícias e encorajar na fé os tessalonicenses. Quando Timóteo regressa, encontra Paulo em Corinto e comunica-lhe notícias animadoras: a fé, a esperança e o amor dos tessalonicenses continuam bem vivos e até se aprofundaram com as provações (cf. 1 Tes 1,3; 3,6-8). Os tessalonicenses podem ser apontados como modelos aos cristãos das regiões vizinhas (cf. 1 Tes 1,7-8).**

<p>Depois de estar garantida a atenção da assembleia, lê-se o título do texto</p>	<p>Leitura da Primeira Epístola do apóstolo São Paulo aos Tessalonicenses ///</p>
<p>Ler exortativamente o Irmãos, fazer pausa e seguir a leitura.</p> <p>Ler em tom diferente o <u>sublinhado</u>.</p> <p>Valorizar o negrito. Ler os <i>itálicos</i> em tom diferente, pois são expressões secundárias.</p> <p>Ler o <i>itálico</i> em tom diferente. Valorizar o negrito. Nos dois pontos (:), fazer a pausa e preparar o que se segue.</p> <p>Enfatizar o negrito.</p> <p><u>Demos</u>: ler 'demos'.</p>	<p>Irmãos: // O Senhor vos faça crescer e abundar na caridade / <u>uns para com os outros e para com todos, //</u> tal como nós a temos tido para convosco.// O Senhor confirme os vossos corações / numa santidade irrepreensível, / diante de Deus, <i>nosso Pai, /</i> no dia da vinda de Jesus, <i>nosso Senhor, /</i> com todos os santos. ///</p> <p><i>Finalmente, irmãos, //</i> eis o que vos pedimos e recomendamos no Senhor Jesus: / recebestes de nós instruções / sobre o modo como deveis proceder para agradar a Deus, / e assim estais procedendo; // mas deveis progredir ainda mais.// Conheceis bem as normas que vos <u>demos</u> / da parte do Senhor Jesus. ///</p>
<p>Com tom solene e aclamativo, olhando a assembleia, convidando-a a responder.</p>	<p>Palavra do Senhor</p>